



A complexa existência do homem em *Um táxi para Viena d'Áustria*

Glauciane Reis Teixeira*

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma leitura do homem contemporâneo e sua vivência na cidade moderna no romance *Um táxi para Viena d'Áustria*. A narrativa, publicada em 1991 pelo escritor Antônio Torres, apresenta dramas e tensões da personagem Watson Rosavelti Campos, popularmente conhecido como Veltinho, casado, pai e publicitário desempregado que procura não apenas um novo trabalho, mas também paz de espírito.

Abstract: This paper aims to perform a reading of contemporary man and his experience in the modern city in the novel "*Um táxi para Viena d'Áustria*". The narrative published in 1991, by writer Anthony Torres, presents the character Watson Rosavelti Campos' dramas and tensions, popularly known as Veltinho, married and unemployed advertising that seeks not only a new job, but also peace of mind.

Palavras-chave: cidade; homem contemporâneo; solidão

Keywords: city, contemporary man, loneliness

1 Apresentação

Fragmentação, descontinuidade cronológica, incerteza, simultaneidade, perda da identidade pelo sujeito, solidão, desarmonia, deslocamento, globalização e suas consequências são algumas temáticas em evidência na literatura contemporânea, as quais têm exposto as contradições de ordem social, política, econômica e cultural das sociedades atuais que afetam o cotidiano dos indivíduos. Partindo da afirmação de Ernesto Sabato que "o romance jamais esteve tão carregado de idéias quanto está hoje e jamais, como hoje, se mostrou tão interessado em conhecer o homem" (2003, p.15), este artigo tem como objetivo realizar uma leitura do homem contemporâneo e sua vivência na cidade moderna representado na narrativa *Um táxi para Viena d'Áustria*.

O romance, publicado em 1991, pelo escritor baiano Antônio Torres, apresenta dramas e tensões da personagem Watson Rosavelti Campos, popularmente conhecido como Veltinho, casado, pai e publicitário desempregado que procura não apenas um novo trabalho, mas também paz de espírito. O cenário da narrativa é a cidade do Rio de Janeiro configurado através de uma paisagem urbana congestionada, habitada por indivíduos decaídos e

* Formada em Letras- Língua Portuguesa e respectivas literaturas pela UNIJUÍ. Mestre em Literatura Brasileira pela UFRGS. Doutoranda em Literatura Brasileira pela UFRGS. Professora de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Colégio Sinodal Ibirubá.

problemáticos que sofrem as contradições expostas pela modernidade: a comunicação e o isolamento, o amplo e o restrito, a liberdade e a prisão, o aleatório e o casual. Neste clima tenso e complexo, Watson encontra-se dentro de um táxi, em um estado de vigília rememora o passado e analisa o presente, torna-se simultaneamente réu e investigador de um crime cometido por ele mesmo.

A estrutura narrativa é feita de cortes e colagens, separada em dez capítulos que são precedidos por algarismos numéricos e títulos. Alguns desses são divididos em pequenos fragmentos, enquanto outros não apresentam separação interna. E tem como elemento constituinte da tessitura a intertextualidade, que é materializada de forma constante e eclética (através de músicas, contos, cinema, televisão, ditos populares, paródias religiosas), uma vez que dialoga com vários modos de representações artísticas, consagradas ou não sem emitir juízo de valor.

2 Imagem da cidade

A cidade é uma rede complexa de difícil apreensão, de um lado há a racionalidade geométrica, de outro lado encontram-se as existências humanas e em meio a esses pólos localiza-se a utopia de organizar o geométrico e o humano. Dessa forma, a cidade difere da natureza, a primeira é uma criação profana, resultado da construção e planejamento coletivo dos homens, a segunda é uma criação sagrada e individual feita por Deus (cf. REBELO, 2006, p.26).

Todas as urbes têm planos semelhantes¹, mas cada uma tem uma forma secreta, que depende dos ideais do agrupamento humano que a caracterizam e a tornam única. A cidade real é dinâmica e mutável, fato que dificulta sua totalização. Existem, assim, diferentes formas de captá-la: como partes, cortes seletivos, por analogia, por convergência, por retalhos que podem ser ligados e montados de diferentes modos (cf. GOMES, 1994, p.35).

Diante disso, elas são conhecidas não apenas pela sua estrutura física, mas também pelos relatos dos habitantes sobre a mesma. Sendo, por isso, consideradas, também, como um território textual, composto pela contradição e multiplicidade de imagens. Além do Rio de Janeiro, cidade onde se desenrola a trama, o narrador-protagonista retrata ainda São Paulo, como oposição ao Rio, e a cidade Rio d'Onor, como a urbe utópica.

¹ Nesse sentido, de acordo com Renato Cordeiro Gomes (1994, p.35), Roma é a manifestação do arquétipo original.

A diferença entre Rio de Janeiro e São Paulo não é apenas geográfica, é econômica também. São Paulo, impulsionado pelo capitalismo, desenvolveu-se como um pólo tecnológico, centralizador de indústrias e conseqüentemente atrativo para os sujeitos de outros estados que tinham a aspiração de ter uma vida digna através do trabalho. Já o Rio desenvolveu-se inicialmente no sentido de capital, de reunir a vida parlamentar e cultural do país, e logo se transformou em grande pólo turístico devido as suas belezas naturais.

As diferenças entre as respectivas cidades citadas são mencionadas pelo narrador que partiu de Natal, Rio Grande do Norte, em direção a São Paulo com o intuito de conseguir um trabalho, de prosperar financeiramente. Le Goff (cf. 1997, p.94) lembra que as cidades seduzem os indivíduos por serem ambientes que oportunizam o trabalho. Contudo, de forma rápida, Veltinho fala na crise e na mudança de São Paulo:

Ê, ê, São Paulo. Terra da garoa. Gente trabalhadora. A voz cheia de dinheiro. Ainda tem lugar pra mim aqui? Há vagas? Já teve um dia, quando vim embora, aqui desembarquei, vindo lá do fim do mundo, lá de Natal. (TORRES, 1995, p.64)

A terra da garoa é a cidade na qual o protagonista começou a vida de trabalhador, mais precisamente no escritório de uma fábrica de rolamentos. No entanto, São Paulo não foi uma cidade sedutora para Watson que era um menino do interior, acostumado com belezas naturais. Dessa forma, o cenário urbano voltado para o trabalho, repleto de prédios que escondem o céu, de indústrias e carros que poluem o ar deixam-no desmotivado, visto que esse não era um ambiente adequado a ele, pois “tinha muita fumaça” (TORRES, 1995, p.114). O protagonista sentia saudades de ver o mar, de pisar na areia, por isso escolhe o Rio de Janeiro para morada.

Por outro lado, é relevante mencionar que não é a arquitetura, a construção civil que constitui as cidades, mas sim os homens que nela habitam (cf. REBELO, 2006, p.28). Levando em conta essa afirmação, o Rio de Janeiro nos é apresentado através de sua face mais violenta, formado por pessoas de diferentes classes que entram em conflito no início da narrativa. Os habitantes excluídos que moram nos morros, “tudo preto e pobre” (TORRES, 1995, p.18), confrontam-se com a polícia, considerada racista, tornando o ambiente inseguro para quem ocupa a rua. Ipanema torna-se cenário de um filme extremamente cruel, apresentado com linguagem televisiva: “Finalmente. Chegou. Agora no Brasil. A Ipanema Pictures orgulhosamente apresenta, com sangue, suor e sufoco, / **A Guerra das garrafas** (Salve-se quem puder)” (TORRES, 1992, p.15).

As ruas são, segundo Watson, lugares monótonos, onde as ações sempre se repetem e o tédio preenche o espírito do mesmo quando ele sai de casa: “Os mesmos manobristas, as

mesmas donas de casa apressadas, com suas sacolas de compras, os mesmos biscateiros, os mesmos porteiros com seus radinhos de pilha aos ouvidos” (TORRES, 1995, p.155). Ao mesmo tempo, as ruas são representadas como espaços inseguros para as pessoas, principalmente para os idosos, em função da criminalidade crescente, como constatamos no seguinte depoimento de uma senhora que encontra Veltinho:

Minha filha não me deixa sair. Diz que não estou mais em idade de andar pelas ruas, que são perigosas, é o que ela acha [...] Morre de medo de tudo. Do trânsito, de assalto, da violência. É por isso que nunca me deixa sair sozinha. (TORRES, 1992, p.164-165)

A dessacralização do imaginário de cartão postal de Copacabana atinge o seu ápice principalmente no capítulo IX² *Diário de um desempregado, assassino potencial ou consumado, obviamente impune etc.*, nos quais Watson descreve a transformação do bairro. Ele menciona, no primeiro fragmento, que quando ali chegou o mar ainda era limpo, agradável, propício para banhos de mar, contudo com o passar do tempo a praia se tornou a “latrina da Latria da América” (TORRES, 1992, p.114), onde os sujeitos promíscuos se orgulham de morar. Já no fragmento número 8, ele discorre a respeito do tráfico de drogas, da violência do morro, do homossexualismo em expansão, dos excluídos, da promiscuidade infantil, de todos os personagens que fazem parte de um cenário decadente, fruto de uma sociedade moderna voltada para o lucro. Tal análise é propiciada pela perspectiva possibilitada através da posição geográfica de seu apartamento (pois seu prédio fica na parte alta e central do bairro), no entanto apesar de Copacabana ter todos esses aspectos negativos, é um bairro amado por ele.

Há, também, a configuração de uma cidade utópica: “Rio d’Onor”, cidade fictícia. O protagonista toma conhecimento dessa organização urbana a partir de um conto escrito pelo amigo Cabralzino. Neste texto ficcional inserido na narrativa, tal cidade é apresentada como um pequeno lugarejo nos confins de Portugal, muito diferente das urbes modernas, uma vez que não era organizada conforme os princípios capitalistas. Nessa sociedade, o poder era exercido por homens, chefes de família, que tinham o direito de escolher os seus governantes, nada se comprava, tudo se trocava: “levaria cachaça, para trocar por bagaceira. Feijão, para trocar por vinho. Café, para trocar por fiambre” (TORRES, 1992, p.92). O poder masculino, junto com a conservação de uma língua única e um sistema de trocas eram garantias de uma sociedade equilibrada, ordenada e afastada do mundo contemporâneo (tanto fisicamente quanto estruturalmente), com um centro de poder bem definido.

² Este capítulo está organizado em 44 fragmentos que são separados por números arábicos.

3 Desemprego e solidão na cidade

A cidade caracteriza-se por ser o lugar de troca, o lugar de produção, conseqüentemente uma das funções primordiais, desde a Idade Média, é a oportunidade de trabalho (cf. LE GOFF, 1998, p.64). O vínculo empregatício é o elemento mais caro para a sociedade burguesa, pois é o meio pelo qual o homem atinge a sua dignidade e tem possibilidade de ascender socialmente.

No Rio de Janeiro, Watson Campos trabalhava como publicitário, encarava o emprego de modo ambíguo. Primeiramente, considera sua ocupação como algo produtivo, uma vez que através dele adquire uma posição social elevada, ganha um bom salário, e a melhor parte era o encontro nos bares com os colegas depois do expediente: ter com quem conversar, falar mal dos ausentes e manter relacionamentos extraconjugais com as colegas.

A vida de trabalhador também apresenta seu lado fastidioso, pois nem tudo é diversão: “Essa vidinha de tolo sentado [...]. Uma vida inteira de reuniões, antes, durante e depois do expediente” (TORRES, 1992, p.51). O trabalho é considerado por ele como a origem de inúmeros males: “Cansa, dá gases, úlcera, infarto e câncer. Vai ver dá até AIDS. Hemorróidas, com certeza”. (TORRES, 1992, p.120)

Assim, o desenvolvimento industrial e capitalista reestrutura as bases da sociedade moderna. A aceleração do ritmo de trabalho e da produção afeta diretamente não apenas as relações sociais que se tornam fugazes, mas também gera a curta durabilidade dos objetos de consumo, os quais velozmente se tornam descartáveis. Nesse sentido, a nova sociedade conduz o homem a vivenciar várias alterações que dela decorrem e um dos grandes problemas da fase contemporânea é a redução do trabalho, das pessoas e das manifestações artísticas – em mercadorias que se tornam obsoletas de modo rápido (cf. BAUMAN, 2001, p.120). Exemplos dessa mercantilização da sociedade são expressas no romance por meio de duas personagens: um pintor argentino e o escritor Cabralzinho, além do próprio protagonista, ambos representando, cada um a seu modo, a decadência da atividade artística e intelectual.

Quanto aos personagens, o pintor argentino, vizinho de prédio de Veltinho, morava em um apartamento relativamente pequeno e fizera sucesso em sua juventude, estudara em uma universidade de renome em Buenos Aires. Com o passar do tempo e avanço da idade tornou-se desinteressante para o grupo artístico do qual fazia parte: “A idade o pôs no banco: sem emprego e sem mercado” (TORRES, 1992, p.152). Sem ser reconhecido pelo mercado entrou em decadência, passou a vestir-se mal, ser sustentado pela esposa e ignorado pelos outros,

quando não se tornava alvo de fofocas, encontrando na bebida o refúgio e o consolo que a sociedade não lhe deu.

No tocante a Cabralzinho, José Guilherme Cabral, escritor, amigo antigo de Veltinho, representa o sujeito individualista da sociedade moderna, aquele que só tem olhos para si mesmo, que sempre está preocupado apenas em expor a sua pessoa:

Porque *eu* isso, porque *eu* aquilo, eu, eu, eu, eu. Bendito pronome pessoal. J. C. Cabral, vírgula. Primeira Pessoa do Singular. Era o tipo que só devia tomar banho com sabonete Eucalol. Aquele com cheirinho de eucalipto. Tudo com *eu*. (TORRES, 1992, p.88)

Desde jovem, Cabral apresentava um futuro nada promissor, o vício pelo álcool era um dos indícios da sua degradação. O vício afeta o campo emocional desse personagem, pois quando estava alcoolizado achava que era irresistível às mulheres, ignorava se elas estavam acompanhadas ou não e assim cortejava-as, conseqüentemente acabava sempre apanhando dos companheiros das mesmas. Como não conseguia manter um relacionamento estável com nenhuma mulher séria, satisfazia suas necessidades e desejos com prostitutas. Sem atingir sucesso também no campo profissional, o escritor passou a vida dependendo de bolsas, esmolas na perspectiva de Watson, e em toda a sua carreira publicou apenas um livro e depois de vinte e cinco anos reedita o mesmo, enquanto tinha um conjunto de obras inéditas.

A decadência social gera a solidão: Cabral é um homem sem família. O vício foi largado tarde demais, quando não havia mais tempo para recuperar o que foi perdido ou conquistar (segundo Watson) novas ambições. O escritor vive uma vida anônima na cidade, passa os dias inteiros trancado em seu apartamento, o qual reflete a falta de cuidado e desleixo masculino: “Meus olhos procuram uma mulher. Nem sombra. Aliás, isso dava para se notar, logo na cara. Faltava naquela casa um certo toque... como dizer?” (TORRES, 1992, p.172). Tem desejo de morrer, mas não tem coragem de acabar com a própria vida. Essa situação triste e ameaçadora desencadeia o sentimento de piedade de Watson, que o mata. A morte para o assassino configura-se como a libertação da dor, da solidão, a passagem para um mundo ou uma situação melhor.

Já o protagonista, publicitário experiente, com uma carreira longa no ramo foi utilizado e descartado rapidamente por uma empresa multinacional, a qual contratou em seu lugar um profissional em início de carreira pela terça parte de seu salário. A situação de perda do emprego, que garante o ordenado no fim do mês e a manutenção das necessidades básicas, configura-se como algo aterrorizador, uma vez que na sociedade alicerçada no incentivo ao consumismo, atividades antes acessórias como: bens culturais, propaganda, moda, estética,

turismo e tantas outras passam a ser mobilizadas para criar mercados de massa e a impulsionar o consumo em curto espaço de tempo.

Dessa forma, o custo de vida na cidade torna-se elevado, as pessoas necessitam de muito dinheiro para saciar as necessidades e os desejos, pois na cidade tudo tem um valor mais alto e os gastos acabam sendo ostentatórios (cf. LE GOFF, 1998, p.36). Veltinho sofre demasiadamente com o fato de não ter dinheiro disponível para sustentar a casa, a vergonha de estar desempregado, uma vez que sempre quando menciona às pessoas sua atual situação, todos procuram se afastar, como se fosse uma doença contagiosa: “Desemprego. Ai, que horror. Até parece sinônimo de lepra. Aí o papo fica atado, não vai nem vem pra cá” (TORRES, 1992, p.113).

Na categoria de desempregado ele encontra-se excluído do sistema capitalista, o que lhe possibilita o desapego com o tempo, elemento essencial do sistema mercantilista: “Desempregados não precisam se preocupar com as horas. Apenas contam os meses ou os dias que lhe faltam para o dinheiro acabar” (TORRES, 1992, p.75). O mesmo está há quatro meses na “street”, (TORRES, 1992, p.75) situação que lhe gera sentimentos opostos, pois sempre quisera ter tempo livre para aproveitar a vida, todavia agora que tem liberdade não pode gozar totalmente dessa situação, na medida em que o dinheiro está prestes a acabar.

No estágio atual, com o vínculo empregatício bloqueado, é possível aproximar a condição de Watson à dos aos refugiados de guerra, ou seja, Zygmunt Bauman afirma que os refugiados precisam abandonar voluntariamente ou a força seu antigo ambiente profissional e familiar, conseqüentemente “são obrigados a despir as identidades definidas, sustentadas e reproduzidas pelo o antigo meio” (2003, p.172). O trabalho como publicitário assegurava ao protagonista uma identidade definida como provedor e centro ordenador do lar, homem comunicativo que estava sempre rodeado de pessoas e masculinamente ativo. Até o momento não tinha consciência do universo artificial a que estava inserido, de como o desligamento desse mundo sedutor acarretava a revelação tanto da solidão quanto da precariedade do homem moderno, além de destruir a identidade constituída.

Da mesma forma que os refugiados, Veltinho se torna socialmente uma espécie de “zumbi”, isto é, a antiga identidade resiste como um fantasma, assombrando de modo doloroso, pois faz lembrar o que não existe mais. O sujeito fica consignado a um “estágio intermediário ‘nem um nem outro’ [...] sem um tempo de duração determinado, sobretudo sem a consciência de que a opção de retorno à condição anterior não existe mais” (BAUMAN, 2003, p.172).

As posições familiares se invertem, a mulher passa a ser a provedora da casa enquanto o homem assume a rotina doméstica. O protagonista é rebaixado a uma espécie de semi “empregado”, passa a realizar pequenas tarefas como ir à feira, colocar o lixo fora, pagar contas, etc. A sua presença em casa desencadeia sentimentos contraditórios para a família que ora o elogiam, ora lhe tratam bem e ora lhe repreendem cruelmente. Diante dessa situação a sua autoestima despencou, o tormento e as angústias intensificam a tal ponto que o suicídio se apresenta como a solução mais rápida e eficaz para os seus problemas:

O jeito era, o jeito era, qual era o jeito?
Atirar-se pela janela.
Ai via a cena, ele despencando, de andar em andar, já sem tempo nem de dar um oi para a vizinhança. Só de pensar, quase desmaiava.
Melhor, talvez: um tiro no peito.
Mas não tinha um revolver. E desmaiaria antes, só de pegar na arma.
O jeito seria cortar os pulsos. (TORRES, 1992, p.146)

Para combater o desconforto e o mal-estar que dominam o seu espírito, uma vez que é ignorado e desprezado até mesmo pela empregada, Veltinho procura os ambientes que supostamente possam abrandar tais sentimentos, como as ruas. Todavia, nas ruas a solidão não é amenizada, mas intensificada, “Ruas selvagens, apinhadas de carros, rajadas de balas e ainda assim ermas? Humanamente vazias?”, (TORRES, 1992, p.155) ao vagar sem destino percebe sua invisibilidade para uns e a repulsa que desencadeia nos outros:

Há os que passam e não me olham.
Os que olham e não me veem.
Há os que me fixam na fórmula de uma frase:
- É apenas um bêbado.
(Um bêbado bemcomportado)
- Deixa pra lá.(TORRES, 1992, p.41)

A vida de Watson converte-se num tormento, devido à falta de contato e de relacionamento com outros, e materializa-se em uma parede branca que somente ele a enxerga, impedindo, assim, que ele passe para o outro lado e estabeleça comunicação com os próximos, restringindo sua livre circulação. De acordo com o ambiente que frequenta, a mesma muda de tamanho, o cercando em todos os lugares que ocupa; o protagonista tenta superá-la, mas não consegue, “De vez em quando apostamos uma corrida, que acabo perdendo. É uma parede olímpica” (TORRES, 1992, p.102).

Ao discorrer a respeito do tapume, o protagonista anuncia-se um homem infeliz. Frente a impossibilidade de transpô-la, apela desesperadamente a diferentes formas de práticas religiosas “Já andei rezando, fazendo promessas, indo a um pai-de-santo, acendendo velas a Deus e ao Diabo” (TORRES, 1992, p.102). Nenhuma prática tem resultado eficiente,

pois todas necessitam de um elemento primordial, a fé, a qual ele não tem. Desacreditado, o poder sobrenatural revela sua face impotente.

A urbe pré-moderna que antes era sinônimo de sociabilidade, agora, na modernidade, transforma-se em sinônimo de individualismo, de anonimato. Na cidade maravilhosa Watson torna-se vítima desse anonimato, sofre com a falta de solidariedade, de compaixão dos outros e, principalmente, com o individualismo que impede o estabelecimento dos laços de amizade, encontrando-se sozinho sem ao menos ter com quem dividir sua angústia: “Assim não vou poder dizer aos meus amigos que acabei de matar um homem” (TORRES, 1992, p.107). Busca restabelecer o contato com pessoas importantes de sua trajetória tanto passada quanto presente, tentativa frustrada, porque todos estão ocupados com os seus trabalhos. Não pode ao menos contar com o apoio da sua mulher, visto que ela não credita confiança nele, enxerga-o como um alcoólico: “E minha mulher, o que me diria? ‘Você bebeu demais, a sua vida inteira. Queimou os neurônios. Não admira nada que agora esteja vendo coisas” (TORRES, 1992, p.103). Assim, não encontra ninguém disposto a fazer companhia, pois quando encontrou acabou matando a pessoa.

O sujeito sem rumo, desorientado chega ao ponto de regredir à infância, “Alô! Mamãe? Manhê! Onde fica a sua casa? Qual é a rua e o número mesmo? Já procurei e não achei. Só vi um monte de prédio alto” (TORRES, 1992, p.107). Perde-se na cidade cruel, que diferente do campo é repleta de prédios altos que dificultam a sua localização e compostas por pessoas rudes despreocupadas com o próximo.

Por outro lado, o desejo de encontrar a paz e sair do caos é expresso na ordem enfática dada ao motorista para que tocasse a uma sequência de lugares edênicos, como: “Shangrilá”, a poética “Pasárgada”, a utópica “Rio d’Onor”, o “pays de Cocagne”, uma “catedral consoladora em Viena d’Áustria”. Dessa forma, Veltinho, apesar de admirar a cidade grande, tem aspiração de alcançar a calma do interior, a apreciação pela natureza, o gosto pelo belo, o encanto pelo simples e rústico, o desejo de encontrar um paraíso, que transmite sensação de paz e proteção. Finaliza, entretanto, com a consciência de que não conseguirá sair do caos e a renuncia dessa possibilidade através da seguinte ordem: “Toca pro inferno, que já estou cheio de tanto paraíso” (TORRES, 1992, p.108)

Assim, todos os sentimentos de angústia, de desatino, de solidão vivenciados por Watson na cidade transformam-se em algo concreto e material, como mencionado anteriormente, a parede branca. A cor branca tem dupla significação: ausência das cores ou a presença de todas as cores, assim tanto pode ser uma autoconstrução da personagem, um autoisolamento quanto pode ser a materialização da exclusão dos outros.

A única esperança frente à impossibilidade da destruição da parede concentra-se em uma porta, essa seria a resolução do seu problema. A porta é elemento simbólico e ambíguo, ou seja, simultaneamente é um limite e uma abertura, pois isola e dá passagem. Se levarmos em consideração que a parede está ligada a conflitos interiores e de relacionamento, podemos afirmar que o protagonista deseja uma abertura que possibilite a passagem do estado caótico em que se encontra para uma situação tranquila.

4 Campo: desejo de retornar às origens

Conforme Sandra Jatahy Pesavento (2002, p.286) há diferentes formas de “dizer a cidade”: a *tendência progressista*, confiante tanto no processo de renovação urbana em desenvolvimento, quanto na alteração dos hábitos citadinos; a *amargura provinciana*, que corresponde ao lamento da elite local frente ao atraso da sua cidade em relação a outras, e, finalmente; a *vertente saudosista*, caracterizada por ser uma evocação positiva e melancólica do passado. Nessa vertente o urbano é identificado pela sua alteridade, isso é, “a identidade se reconhece na alteridade. Dizer o outro – no caso, a cidade – é afirmar a identidade positiva do rural” (PESAVENTO, 2002, p.303).

No romance em questão é nítida a visão saudosista da personagem principal, na qual o campo, o meio rural não corrompido pelo capitalismo selvagem, configura-se como um ambiente harmônico, rústico de rara beleza, onde o indivíduo está protegido da insegurança e tem a oportunidade de despir-se dos medos e das conveniências urbanas: “Estava simplesmente refazendo uma trilha da sua infância, quando adorava as noites de lua, pois podia cagar no mato, sem medo do escuro” (TORRES, 1992, p.24).

Watson sonha com o ambiente ideal para a sua família: uma casa no campo, longe de qualquer tipo de utensílio tecnológico. A assertiva de Pesavento, “o campo é tudo o que a cidade não é e vice-versa. E, na correlação que se estabelece, o rural sai ganhando” (2002, p.303), confirma-se com essa personagem.

Na visualização do urbano é recorrente a reorientação da relação passado/presente, ou seja, as apreciações estabelecidas sobre o presente acabam apontando a carga de positividade para o passado, para o que ficou para trás, enfim, a situação antiga era melhor do que a situação vivida no momento (cf. PESAVENTO, 2002, p.304). Ao refletir sobre o presente, temos em Veltinho a imagem do rapaz do interior que se encontra perdido na cidade, ansioso para voltar ao ambiente natal. O mesmo relembra o passado, tempo em que vivia no “melhor dos mundos” (TORRES, 1992, p.61), a casa de seu bisavô, que era afastada do centro urbano

e de difícil acesso, encantadora pelos seus cheiros e cores de uma moradia simples sem luz elétrica.

5 Considerações Finais

No romance *Um táxi para Viena d'Áustria*, Antônio Torres nos apresenta a imagem da sociedade moderna onde nada é sustentável, tudo sofre modificações rotineiramente, já que tudo é instável, solúvel e inconsistente. No mundo contemporâneo, as relações humanas são afetadas, os sujeitos emancipam-se, passam a preocupar-se apenas consigo mesmo e percebem que a vida é repleta de obstáculos que precisam ser superados individualmente, “cada indivíduo deve ir em frente e tentar sua sorte” (BAUMAN, 2001, p.28).

Através de Watson Rosavelti Campos temos a representação do homem contemporâneo que nasce, cresce, sofre e morre carregando solitariamente suas afecções. Na cidade do Rio de Janeiro ele depara-se com a indiferença, com os sujeitos que visam a acumulação de bens efêmeros, ninguém o ajuda ou solidariza-se com a sua dor. Identificamos que os vínculos de amizade são mantidos em razão do interesse próprio de cada um e duram “apenas enquanto ambas as partes imaginem que estão proporcionando a cada um satisfações suficientes para permanecerem na relação” (BAUMAN, 2003, p.111).

Com as personagens Cabralzinho, o pintor argentino e Watson, temos a configuração do mundo constituído por pessoas deslocadas e perdidas. Os três em decadência financeira acabam sofrendo também uma crise identitária, ou seja, sem a rotina de trabalho; lembremos que “a rotina pode diminuir, mas pode também proteger; a rotina pode decompor o trabalho, mas também compor uma vida” (SENNETT apud BAUMAN, 2001, p. 169), sem o ordenado do fim do mês não existe condições de manter o *status* social, portanto, perdem-se as referências da identidade antes construída. Desesperados por terem sido abandonados pelos seus próximos podem ser considerados analogicamente como objetos obsoletos descartados pela sociedade moderna, ansiando pela segurança do convívio e pela solidariedade com que possam contar num momento de aflição e frente à impossibilidade de relacionar-se com o outro acabam buscando na bebida e na nicotina o conforto não oferecido pelos seus próximos.

A cidade é “um assentamento humano onde estranhos têm a chance de se encontrar” (SENNETT apud BAUMAN, 2001, p.111). Na cidade então, os estranhos têm a possibilidade de se encontrar como estranhos, tal encontro, segundo Bauman, mais parece um *desencontro*. Nesse momento peculiar não há nada de sólido, as pessoas não conjugam de um passado e ao mesmo tempo não há abertura para um futuro.

Assim, única comunicação bem sucedida de Veltinho é estabelecida com uma estranha, uma senhora idosa que encontra pelo caminho, da mesma forma que o protagonista ela não tinha pessoas com quem conversar. Os estranhos compartilham seus dramas, caminham juntos por algum tempo, a troca de diálogos restabelece momentaneamente o equilíbrio e o centro do protagonista, o qual passa a sentir-se novamente como “um ser humano civilizado, normal. Viável. Cheio de bons sentimentos” (TORRES, 1992, p.167). Depois de terminado os desabafos de ambos, despedem-se e provavelmente nunca mais se encontrarão.

Por fim, diante da cidade dos seres humanos, construída através da adição dos egoísmos e a falta de compaixão, Watson deseja sair do caos, anseia por proteção e tranquilidade que somente o campo, afastado da agitação citadina, ou lugares edênicos, pode lhe possibilitar.

Referências

- BAUMAN, Zygmunt. *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- _____. *Modernidade Líquida*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- GOMES, Renato Cordeiro. *Todas as cidades, a cidade*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.
- LE GOFF, Jacques. *Por amor às cidades: conversações com Jean Lebrun*. Tradução de Reginaldo Carmello Corrêa de Moraes. São Paulo: Fundação da editora UNESP, 1998.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *O Imaginário da Cidade: visões literárias do urbano- Paris*. Rio de Janeiro, Porto Alegre. 2ed. Porto Alegre: Editora da Universidade/UFRGS, 2002.
- REBELO, António Manuel Ribeiro. A idéia da cidade na antiga Grécia e actualidade de seus valores. In: Biblos. Cidade (s) e cidadania. Revista da Faculdade de Letras: Universidade de Coimbra. V.4. série 2, 2006. p.13-35.
- SABATO, Ernesto. *O escritor e seus fantasmas*. Tradução de Pedro Maria Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- TORRES, Antônio. *Um táxi para Viena d'Áustria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.